

SOBRE FÉ, RAZÃO E SAUDADE

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Na feira de Paraty, um dos mais importantes eventos literários do Brasil, Terry Eagleton vai falar sobre seu livro "Reason, faith and revolution", ainda inédito no Brasil. No livro, o autor ironiza o ateísmo militante de autores como o zoólogo Richard Dawkins e o jornalista Christopher Hitchens. O crítico afirma que os neoateístas se tornaram um braço intelectual da guerra ao terror, e que defendem uma versão caricatural do Iluminismo.

O fato é que em meio a uma secularização que não parece recuar, mas sim avançar, sobretudo na Europa, berço do cristianismo, causa espanto ver que a discussão sobre Deus ganha cada vez mais centralidade e importância. Que o diga o grande filósofo Jürgen Habermas, que no ano passado celebrou 80 anos de idade, cujo novo livro, "*An awareness of what is missing*" (*Consciência do que está faltando*), tenta pensar o lugar da religião numa sociedade democrática, em debate com teólogos jesuítas.

Pelo visto, Deus não morreu, pelo menos no pensar humano do século XXI, que parece ter saudades dele e reflete sobre o que está faltando ao ser humano de hoje. Se sua volta pode ser qualificada de prodigiosa, é porque ele andava desaparecido de todas as finalidades úteis e eficazes das filosofias marcantes desde a segunda metade do século XIX.

O processo parece situar-se a partir dos anos 80. Aí Deus começou a ensaiar uma tímida volta, sobretudo nos escritos do filósofo judeu Levinas, seguido de perto por outros como Jean Luc Marion, Michel Henry, Remi Brague. Essa volta amplificou-se no decurso dos anos 90, logo após a queda do socialismo real e sua metafísica da secularização, entendida como o final de uma representação de um divino separado do humano e o divino inscrevendo-se no mundo sob a forma racional do Estado moderno, trazendo então o chamado fim da história.

A partir daí muitos pensadores importantes começaram a falar de Deus, entre outros Habermas, Derrida, Vattimo. No entanto, este retorno de Deus não é unanimemente feito em nome da razão. É visto por alguns pensadores pós-modernos como uma consequência do fim da modernidade e da fé na razão. Se a modernidade repousa sobre a razão e a ciência erigidas em mitos, seu fim nos obrigaria a recolocar em questão o julgamento que ela fazia sobre a religião como uma superstição da qual a modernidade deve nos libertar.

Na verdade a secularização que se sente avançar impávida e iniludível sobre o mundo antes chamado cristão, a parte ocidental do globo terrestre, choca quando se vê países como a Irlanda, que exportou missionários para o mundo inteiro e onde a capital, Dublin, já não possui catedral como templo religioso. Este foi vendido e agora está transformada em um mercado que vende quinquilharias e monumento aberto à visita de turistas de várias nacionalidades que ali passeiam em total indiferença ao mistério tantas vezes abrigado e celebrado entre suas paredes.

Na verdade, a noção mesma de secularização encontra sua origem na religião, no seio do cristianismo institucional, que separa a esfera sagrada da secular. E a separação começa a fazer-se mais visível e maior na medida em que a autonomia da razão humana salta clamando por sua existência e preponderância.

O fato é que o reinado absoluto desta razão parece não satisfazer o ser humano, que sente saudade e nostalgia da Transcendência e começa a expressar esta saudade a plenos pulmões.

O grande teólogo Karl Rahner, na primeira metade do século XX, já dizia com muito acerto. Se um dia a palavra Deus fosse banida do horizonte humano a ponto de não restar nem a memória do que ela um dia significou e de seu sentido para os seres humanos não seria Deus na verdade quem teria desaparecido, mas sim o próprio ser humano.

Ser em continua auto transcendência, negar a Deus no fundo é negar a própria humanidade de corpo animado por um espírito que ele mesmo não pode se dar, o ser humano parece ter identificado sua carência. Oxalá as religiões ainda sejam capazes de responder a essa carência de maneira adequada e fecunda. É o que pensadores como Eagleton e Habermas parecem querer dizer com sua ciência e seu pensar.